

O ornitorrinco da prosa de Moacyr Scliar

Egberto Guillermo Lima Vital (UEPB)*
ORCID 0000-0002-8895-1892
Bruno Santos Melo (UEPB)**
ORCID 0000-0001-5563-5079
Tatiane Pereira Fernandes (UEPB)***
ORCID 0000-0002-2535-2235

Resumo: O presente artigo investiga a hibridização de gêneros literários na obra de Moacyr Scliar, com foco na fusão entre conto e crônica. Inspirada pela metáfora de Juan Villoro (2023), que associa a crônica a um “ornitorrinco” no contexto da prosa, devido à sua natureza híbrida e inespecífica, a pesquisa destaca características como economia narrativa, brevidade e construção de personagens em três narrativas do escritor: *Trem Fantasma*, *Manual do Pequeno Terrorista* e *Pequena História de um Cadáver*. O estudo dialoga com teóricos como Haroldo de Campos (1979), Ítalo Calvino (1990), Wanderlan Alves (2019; 2022) e Júlio Cortázar (2006), demonstrando como a obra de Scliar reflete uma perspectiva em que a hibridização não denota indefinição, mas uma estratégia criativa que redefine os limites da prosa contemporânea brasileira, configurando uma proposta narrativa singular no contexto latino-americano.

Palavras-chave: Moacyr Scliar – conto – crônica – hibridização – Inespecificidade – prosa contemporânea

Abstract: This article investigates the hybridization of literary genres in Moacyr Scliar's work, focusing on the fusion between short stories and chronicles. Inspired by Juan Villoro's (2023) metaphor, which associates the chronicle with a “platypus” within the context of prose due to its hybrid and unspecified nature, the research highlights features such as narrative economy, brevity, and character construction in three of the author's narratives: *Trem Fantasma*, *Manual do Pequeno Terrorista*, and *Pequena História de um Cadáver*. The study engages with theorists such as Haroldo de Campos (1979), Italo Calvino (1990), Wanderlan Alves (2019; 2022), and Julio Cortázar (2006), demonstrating how Scliar's work reflects a perspective in which hybridization does not imply indefiniteness but rather a creative strategy that redefines the boundaries of contemporary Brazilian prose, offering a unique narrative proposal within the Latin American context.

Keywords: Moacyr Scliar – Short Story – Chronicle – Hybridization – Unspecificity – Contemporary Prose

Recebido em: 10 out. 2023 | Aprovado em: 04 nov. 2023

* Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: egbertovital@gmail.com.

** Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: bsantosletras@gmail.com.

*** Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: tatianepereirafernandes@gmail.com.

[...] *quien reparte su escritura entre la verdad y la fantasía suele vivir la experiencia como un conflicto.*

- Juan Villoro

Viver como um contista num país onde essa forma expressiva é um produto quase exótico, obriga forçosamente a buscar em outras literaturas o alimento que ali falta.

- Júlío Cortázar

O grande problema, na crônica, é ser entendido pelo leitor sem renunciar a uma linguagem literária. Um conto pode ser obscuro e intrigante; uma crônica não.

- Moacyr Scliar

Palavras iniciais

Em texto publicado no jornal *La Nación*, em 2006, Juan Villoro já discutia uma conceituação pouco usual para a crônica, criando uma imagem ao mesmo tempo estranha e instigante. O escritor lançou o olhar sobre o gênero atribuindo-lhe o caráter de ornitorrinco, devido a suas características formais híbridas e inespecíficas. Tomando a ideia da crônica como o ornitorrinco da prosa (Villoro, 2023), lançamos o olhar sobre a escrita de Moacyr Scliar, uma vez que percebemos nela uma espécie de hibridismo que situa a prosa do autor num entre-lugar (Santiago, 2019), no qual não conseguimos definir os limites entre os elementos constitutivos do conto e da crônica em suas narrativas, o que nos leva a crer na inespecificidade de gênero na prosa scliariana. Ponderemos, porém, uma coisa importante, ser inespecífica não a torna nenhum tipo de escrita inclassificável, pelo contrário, é na inespecificidade que o autor constitui um caminho formal para a elaboração de seus textos.

Neste sentido, exploramos a singularidade da escrita de Moacyr Scliar, considerando a concepção da crônica postulada por Villoro (2023), uma vez que observamos que a obra do autor transcende as categorias tradicionais do conto e da crônica, criando uma prosa híbrida que desafia as definições convencionais desses dois gêneros literários, bem como, percorreremos as discussões de Alves (2022) acerca das escritas inespecíficas hispano-americanas, tentando encontrar, portanto, *links* com a construção estético-formal da prosa de Scliar no Brasil. Também norteiam este estudo as discussões de Cortázar (2006), ao destacarmos alguns aspectos do conto e das noções de hibridismo entre o conto e a crônica, a partir da leitura dos textos “Manual do pequeno terrorista”, “Pequena história de um cadáver” e “Trem Fantasma”, presentes na antologia *Os melhores contos de Moacyr Scliar* (2003), organizada por Regina Zilberman.

Recorremos, também, a Haroldo de Campos (1979), ao discutir as rupturas dos gêneros literários na América Latina, e às noções de rapidez e economia narrativa, propostas por Calvino (1990), ao analisar a presença de elementos característicos da crônica, como subjetividade, voz do cronista e abordagem de eventos cotidianos nas narrativas de Scliar, ao mesmo tempo em que se destacam características típicas do conto, como estrutura narrativa, desenvolvimento de personagens e trama, e seus elementos formais. Através desse recorte da produção em prosa de Scliar, discutimos como essa abordagem híbrida influencia os sentidos do texto e a experiência do leitor, considerando também as possíveis influências literárias e contextuais que moldaram sua escrita.

Desse modo, mostramos que a prosa de Moacyr Scliar transita no processo de experimentação de uma narrativa que, ao unir elementos distintos de conto e crônica a outros gêneros discursivos, convida a crítica a repensar as fronteiras entre gêneros literários e sua produção na contemporaneidade.

O ornitorrinco da prosa de Scliar e a tentação do relato

Em “A tentação do relato”, Alves (2019) trata da percepção do relato como uma representação inicialmente vaga, que gradualmente se cristaliza, e a visão do relato como uma resposta fantasiosa, em que a imaginação presente na narrativa está ligada a uma circunstância específica.

Dessa forma, o estudioso destaca que o desafio da escritura na narrativa contemporânea consiste em articular esse estado por meio da linguagem e, dada a natureza arriscada dessa empreitada, o resultado se apresenta como um convite à leitura. É importante destacar que o texto se debruça sobre o romance, evidenciando leituras do autor acerca dos trabalhos de Bolaño, Bellatin e Faciolince; porém, é possível dizer o mesmo acerca de outras produções latino-americanas, como a brasileira e outros gêneros literários.

Ainda para Alves (2019), o desafio adicional do relato reside na integração entre a arte ou ficção e a realidade. Ao mesmo tempo em que o relato rastreia os indícios deixados pela realidade, mantém uma certa distância dela, sendo a escritura a única maneira de tentar recuperar os elementos no movimento incerto da sedutora fantasia que atribui forma ao próprio relato. Desta feita, o autor postula que o relato resultante assume a forma de uma textura expandida, buscando abranger suas possibilidades e até mesmo reconhecendo sua eventual falência, proveniente das interações que ocorrem por meio dessas transições.

Dialogando com Laddaga (2010), as discussões de Alves subscrevem as diversas linhas que se estendem desde o local onde alguém organiza seus papéis e tinta até os círculos concêntricos que se formam a partir dele. A obra, nesse movimento, deve ser capaz de facilitar essa comunicação. O produto, portanto, seria uma amálgama de experiências na escrita, assemelhando-se a um dossiê onde se podem examinar os pontos de interseção entre a literatura e a vida.

Nesse sentido, discutimos como esse imbricamento de experiências de escrita no Scliar jornalista, médico sanitário e escritor, culmina em uma escritura inespecífica que se desdobra por meio de uma prosa híbrida, que faz se entrecruzarem a crônica e o conto, intercambiando outros gêneros do discurso, sobretudo das áreas relacionadas ao jornalismo e à medicina.

“Trem fantasma” e “Manual do pequeno terrorista”: a economia narrativa na rapidez do relato

Um traço que marca a prosa de Scliar é a brevidade do relato, de modo que a economia narrativa manifesta-se em contos como “Trem Fantasma” e “Manual do pequeno terrorista” como um elemento formal em sua escritura. As escolhas do autor por personagens-tipo e a descrição rápida e limitada de espaços e de ambientes denotam essa predileção pelo relato, que aproxima o conto da crônica a partir do factual, mesmo quando narra algo fora do comum, que escapa do usual.

Na seleção *Os melhores contos de Moacyr Scliar* (Scliar, 2003), em seu primeiro prefácio, Regina Zilberman (2003a) comenta que uma das características da contística de Scliar é “a preferência por personagens carentes de identificação [...], a maioria sem nome ou qualquer outro traço que os individualize, que representam tipos genéricos, modelos de ação e comportamento”, e isso fica perceptível em “Trem Fantasma”. Além de Matias (que é parcamente descrito na narrativa, voltaremos a isso mais tarde), nenhuma outra personagem é nomeada, elas representam tipos sociais atrelados à família do menino: o amigo, a mãe, o irmão, as irmãs, o pai; o mesmo acontece de forma avassaladora em “Manual do pequeno terrorista”, em que nenhuma personagem é nomeada, sequer o

narrador.

Nesse sentido, ao contornar na prosa de Moacyr Scliar, as marcas desse traço distintivo que se revela na brevidade do relato e na economia narrativa, bem como na escolha consciente do autor por esses elementos formais, conferem uma singularidade à sua escrita. A fusão entre conto e crônica na obra do autor destaca-se pela preferência por um relato conciso e factual, mesmo quando explora eventos extraordinários que escapam ao cotidiano. Essa abordagem, que pode ser interpretada como uma espécie de crônica ficcionalizada, ou dentro do escopo de uma prosa à maneira de um ornitorrinco, constrói uma interseção entre a narrativa literária e a observação do mundo ao redor, pelo olhar jornalístico.

Refletindo sobre a produção da crônica no Brasil, podemos dizer que sempre existiram dois modos de se fazer crônica:

O mais primitivo, e ainda atuante em alguns países, é a crônica no tempo linear e ordenado historicamente pela justaposição dos acontecimentos. O segundo modo de se fazer crônica é em um tempo criador que reinventa os fatos para narrá-los de forma poética, para traduzir verdades que a mera reprodução dos fatos não poderia expressar (Rossetti; Vargas, 2006, p. 8-9).

Nesse sentido, a ausência de nomes individuais destaca-se como um elemento que transcende a objetividade do relato esperado no discurso da crônica jornalística, aproximando as histórias de uma dimensão mais universal e atemporal. A não nomeação de personagens também suscita reflexões sobre a identidade e individualidade na narrativa. Essa escolha estilística, ao invés de distanciar, pode estar a serviço de uma identificação mais abrangente, onde as experiências dos personagens tornam-se representativas de aspectos mais amplos da condição humana.

Em um mesmo percurso, a economia na descrição de espaços e ambientes adiciona uma camada de complexidade à narrativa. A justaposição dos eventos narrados em cadeias de acontecimentos evidencia a habilidade de Scliar em construir atmosferas e cenários com poucas palavras, essa “rápida sucessão dos fatos empresta um sentido inelutável” (Calvino, 1990, p. 33): a confirmação do câncer de Matias, a convocação do amigo para emular o trem fantasma, a reprodução em si do brinquedo do parque, as vivências no trem-fantasma improvisado e a morte do menino, acontecem em uma sucessão de eventos narrados com rapidez e o máximo de economia possível nos elementos descritivos.

Em mesma proporção se encontram os fatos rapidamente narrados em “Manual do pequeno terrorista”, pois acontecem quase em um mesmo plano de tempo a confecção da bomba, a chegada até o local do suposto atentado, a descoberta da sentinela, o machucado na perna e todo o desfecho que culmina na condição de rua do narrador. A rapidez do relato e a economia narrativa são elementos significativos do gênero crônica que Scliar incorpora em seus contos e isso dialoga diretamente com o que discutíamos anteriormente sobre a integração entre a arte ou ficção e a realidade no relato, problematizada por Alves (2019).

Dito isso, os movimentos de hibridização realizados por Scliar em sua prosa concernem ao que Calvino (1990) chama de “rapidez”. Para o autor, o segredo do relato “está na economia narrativa em que os acontecimentos, independentemente de sua duração, se tornam punctiformes, interligados por segmentos retilíneos” (Calvino, 1990, p. 34). Em “Trem Fantasma” nenhum detalhe se sabe sobre a doença de Matias, além de que ele é está com leucemia, bem como pouco se sabe das motivações que levaram à escolha do ato terrorista no segundo conto. Ambos os relatos se desenvolvem em uma linha temporal indefinida, sempre pelo “faz muito tempo” ou “em algum momento em 1956”, mas tudo

acontece e tudo é relatado no plano dos acontecimentos cotidianos. Nesse sentido, ainda retomando Calvino (1990), a prosa de Scliar opera sobre a duração, em um movimento em que o passar do tempo corresponde a um movimento ininterrupto, contraindo-o e dilatando-o.

Essa técnica, aliada à representação de tipos sociais, confere um tom particular aos seus contos, construindo mundos compactos, porém densos em significado. A representação social nas histórias de Scliar emerge de maneira sutil, mas potente, alegorizando o tempo narrativo numa disrupção do tempo do conto, mas em conformidade com o tempo da crônica, o que confirma, ainda, o caráter híbrido dessa prosa. A escolha por personagens que personificam tipos sociais sugere uma preocupação do autor em refletir, por meio de suas narrativas, as complexidades e desafios da sociedade em que viveu. Dessa forma, seus contos não apenas entretêm, mas também provocam uma reflexão acerca das dinâmicas sociais e humanas, circunscritos em um movimento no qual, mesmo relatando o não usual, flertando, muitas vezes, com o insólito, os fatos são narrados dentro de uma construção do cotidiano tipicamente encontrada na crônica brasileira, a exemplo de cronistas como Tiago Germano, Martha Medeiros, Luís Fernando Veríssimo, entre outros.

A brevidade do relato, a economia narrativa, a escolha por personagens genéricos e a representação social são elementos cruciais que definem a contística de Moacyr Scliar. Essas características não apenas conferem uma identidade única à sua obra, mas também estimulam interpretações das múltiplas camadas de significado presentes em seus contos. Movimentos semelhantes acontecem em “Pequena história de um cadáver”, em que, além dos elementos de hibridização entre o conto e crônica, Scliar explora as possibilidades de intersecção entre o texto literário e o relato médico.

“Pequena história de um cadáver”: a construção híbrida do relato entre o literário e o científico

Em “Rupturas dos gêneros literários na literatura latino-americana”, Haroldo de Campos (1979) discute acerca da crise da normatividade na literatura e na crítica do século XX, bem como coloca em debate uma possível tendência ao que chama de “custódia da pureza” na produção do cânone. Para o crítico, a teoria perpassa uma perspectiva de purismo literário, delimitando os gêneros a ramos funcionais da linguagem. No entanto, ao analisar a influência do *mass media* na revisão desse cânone, Campos observa que “um dos pontos cruciais no processo de dissolução da pureza dos gêneros e de seu exclusivismo linguístico foi a incorporação, à poesia, de elementos da linguagem prosaica e conversacional” (Campos, 1979, p. 166).

A questão do híbrido já vem sendo discutida e problematizada ao longo de toda a Modernidade, se interfere em formas, até então, tão fixas como as do poema e da poesia. O que poderia ser dito das formas da prosa? Observamos no tópico anterior o quanto a prosa de Scliar ocupa um limiar entre o conto e a crônica, percebendo que “o elemento híbrido reina” (Santiago, 2019, p. 17). A tendência a um relato híbrido e inespecífico se manifesta nas narrativas de Scliar a partir de movimentos semelhantes ao que discute Alves (2019), mas em formas distintas; aqui não está o romance, mas o conto e a crônica em um movimento de intercruzamento formal, e isso confirma que “a maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e de pureza” (Santiago, 2019, p. 17), ao passo que é neste interstício que Silvino Santiago, Wanderlan Alves e Haroldo de Campos se encontram.

Se em “Trem Fantasma” e “Manual do pequeno terrorista” a brevidade do relato e a economia narrativa marcam os limites entre o conto e a crônica, em “Pequena história de um cadáver” o aspecto híbrido é avassalado e, além do cruzamento conto-crônica, Scliar

joga com as possibilidades de intercruzamentos do literário com o científico e o prosaísmo dos gêneros textuais acadêmicos.

Assim, “a hibridização não é uma exceção inclassificável nem se configura como algo periférico no sistema literário, apresentando-se como potência cuja capacidade de se reconfigurar demarca tensões e transbordamentos entre mimese e invenção, formalismo e engajamento político, experimentalismo e realismo, localismo e cosmopolitismo” (Alves, 2022, p. 189). Nesse sentido, quando Villoro (2006, n.p.) afirma que “a crônica é a encruzilhada de duas economias, a ficção e o jornalismo”, é possível discutir que o seu caráter híbrido não a torna inclassificável, longe disso, mas é o agenciamento de um gênero que, das periferias do literário, “deve falar precisamente, porque não pode falar completamente”, logo, “uma crônica bem sucedida é literatura sob pressão” (Villoro, 2006, n.p.). A prosa de Scliar ganha o caráter do ornitorrinco que Villoro atribui à crônica e se tensiona entre a mimese e a (re)invenção nos seus modos de narrar.

Para Cortázar (2006), o conto é um gênero esquivo e antagonônico, na contrapartida do romance, pode-se dizer que até exótico. Se isso puder ser dito do conto, o que poderia ser dito da crônica? O autor ainda afirma que todo realismo demasiado é ingênuo e se contrapõe ao que de fato o texto literário quer (re)criar e ainda arremata que o conto é “irmão misterioso da poesia em outra dimensão do texto literário” e seria um “gênero tão pouco classificável” (Cortázar, 2006, p. 151), assim como a crônica. Talvez, por isso, na prosa de Scliar eles sejam tão limítrofes, a crônica, assim como o conto, “também narra o que não aconteceu”, mas se apega, para tanto, nas “oportunidades perdidas que afetam os protagonistas, conjecturas, sonhos, ilusões que permitem defini-los” (Villoro, 2006, n.p.), uma vez que “a realidade, que acontece sem pedir permissão, não precisa parecer autêntica. Um dos maiores desafios do cronista é narrar o real como uma história fechada [...] sem que isso pareça artificial” (Villoro, 2006, n.p.).

Nesse sentido, Scliar escolhe narrar, em “Pequena história de um cadáver”, o real a partir do ponto de visão do insólito. Ao narrar “o trabalho de alunos de Medicina, o escritor opta por apresentá-los sob a óptica de Maria, o cadáver que os jovens estudam” (Zilberman, 2003a, p.7), este foco escolhido flerta com o insólito, mas não se distancia do prosaísmo do cotidiano de jovens estudantes de medicina quando descreve suas operações e obrigações acadêmicas.

O interessante é que Scliar escolhe construir a sua narrativa em “Pequena história de um cadáver” como um diário de bordo dos estudantes, um gênero textual cada vez mais comum no meio acadêmico, em que se faz um registro conciso das atividades diárias, destacando os movimentos dos estudantes, suas interações, habilidades, dificuldades e a forma como expressam suas percepções acerca dos componentes curriculares. Como pode ser observado no quadro abaixo, todo conto é dividido em partes que definem as impressões de Maria e dos estudantes a cada mês que compõe o primeiro ano da graduação em Medicina:

Quadro 1 – Diário de bordo dos estudantes de medicina em “Pequena História de um cadáver”, de Moacyr Scliar.

Personagens	Mês	Conteúdo
Professor Miranda; os corpos de Maria da Silva e seus companheiros.	FEVEREIRO	Embalsamação dos corpos.
Novos alunos; os quatro cavaleiros; Maria e os outros corpos.	MARÇO	Abertura do semestre; Avaliação dos cadáveres.
Os quatro cavaleiros; o instrutor; o corpo de Maria.	ABRIL	Dissecação do cadáver; Sistema safeno.
Os quatro cavaleiros; Maria.	AGOSTO	Estrutura torácica; Causa mortis de Maria; Infecções pulmonares.
Os quatro cavaleiros; Maria.	SETEMBRO	Sistema cardiovascular
Os quatro cavaleiros; outros colegas de curso; o Professor; Maria e mais dois cadáveres apodrecidos.	OUTUBRO	Sistema reprodutor; Útero e seus anexos.
Os quatro cavaleiros; o professor; Maria; um dos acadêmicos, sua namorada e a amiga.	DEZEMBRO	Exames finais; Estrutura óssea do esqueleto humano; Cremação dos restos mortais não mais úteis para pesquisa.

Fonte: Os autores.

Além do elemento claro de hibridização com o diário de bordo dos estudantes, na construção formal do conto, a escolha por entregar o foco a Maria, atribuindo a um cadáver um nome próprio e a ação de narrar, promove uma suspensão das fronteiras entre realidade e ficção, corroborando o aspecto de crônica presente na contística de Moacyr Scliar. Alves (2022, p.195) discute que a “suspensão das fronteiras entre a realidade e a ficção internamente ao narrado, ao mesmo tempo em que recoloca o debate sobre as continuidades e descontinuidades da literatura, dos *mass medias* e da vida cotidiana, ironiza esse suposto dilema”, nesse sentido, podemos afirmar que a prosa de Scliar se constrói “em um processo que coloca em tensão a escrita e a realidade” (Alves, 2022, p. 195). São nesses movimentos de continuidade e descontinuidade, contração e dilatação do relato, que se configura o ornitorrinco da prosa de Moacyr Scliar.

Considerações finais

Em seu segundo prefácio para a coletânea, Zilberman (2003b, p.13) é perspicaz em observar que a prosa de Scliar “acaba por assumir sua própria individualidade e significação”, caminhando nos meandros de suas inespecificidades e hibridizações temáticas e estilísticas, “é o que o faz original e único, coerente com as características introduzidas” desde o início de sua trajetória literária “e conformadas ao longo de seu percurso no tempo” (Zilberman, 2003b, p.13).

Nesse sentido, a prosa de Moacyr Scliar desafia as fronteiras tradicionais entre conto e crônica, criando um terreno fértil para a experimentação narrativa. A inespecificidade de gênero na obra de Scliar revela-se como uma estratégia formal que transcende as limitações convencionais dos dois gêneros, resultando em uma narrativa híbrida e singular.

A brevidade do relato e a economia narrativa, características marcantes em contos como "Trem Fantasma" e "Manual do Pequeno Terrorista", destacam-se como elementos que aproximam a prosa scliariana do estilo conciso da crônica. A ausência de nomes individuais e a representação de personagens-tipo reforçam essa busca por uma

identificação mais abrangente, conectando as experiências narradas a aspectos universais da condição humana. Em “Pequena História de um Cadáver”, Scliar experimenta a hibridização em um outro movimento, ao mesclar o literário com o científico, incorporando o formato de diário de bordo dos estudantes de medicina. Essa escolha não apenas amplia as possibilidades de intercruzamento entre gêneros, mas também sublinha a suspensão das fronteiras entre realidade e ficção.

O aspecto fluido da prosa de Scliar não se limita à fusão entre conto e crônica, mas estende-se a um processo de diálogo com diversas influências. Assim, a obra de Moacyr Scliar revela-se como um território de experimentação, em que a escrita não representa uma incapacidade de classificação, mas, sim, uma potência capaz de reconfigurar as fronteiras da literatura. Ao tensionar mimese e invenção, o autor constrói uma prosa que, sob pressão, transcende as expectativas dos gêneros literários convencionais, convidando a crítica a repensar as categorias estabelecidas, a partir de seu ornitorrinco.

Referências

- ALVES, Wanderlan. A tentação do relato: formas fantasiadas e desejo de escritura na narrativa contemporânea. **Caracol**, n. 17, p. 346-371, 2019.
- ALVES, Wanderlan. Escritas inespecíficas na narrativa hispano-americana. In: CORDIVIOLA, A. *et al.* (orgs.). **Temas para uma história da literatura hispano-americana: Inflexões da narração / Variações do deslocamento**. Porto Alegre: Letra1, 2022. p. 189-210.
- CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- CAMPOS, Haroldo de. Ruptura dos gêneros na literatura latino-americana. In: FERNÁNDEZ MORENO, C. (org.). **América latina em sua literatura**. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 281-305.
- CORTÁZAR, Julio. **Alguns aspectos do conto**. In: Valise de Cronópio. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- FISCHER, Luís Augusto. A Crônica de Moacyr Scliar. **Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall**, v.3 n.1, p. 101-102, 2011.
- LADDAGA, Reinaldo. **Estética de laboratório: estratégias de las artes del presente**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2010.
- ROSSETTI, Regina. VARGAS, Herom. A recriação da realidade na crônica jornalística brasileira. **UNirevista**, v. 1, n. 3, p. 01-10, 2006. Disponível em: <www.unirevista.unisinos.br>. Acesso em 11 de outubro de 2023.
- SCLIAR, Moacyr. **Os melhores contos de Moacyr Scliar**. São Paulo: Global, 2003.
- VILLORO, Juan. La crónica, ornitorrinco de la prosa. **La Nación**, 2006. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7502133/mod_resource/content/1/villoro-cr%C3%B3nica.pdf. Acesso em 06 de novembro de 2023. [Tradução nossa]
- WALDMAN, Berta. Os caminhos da ficção de Moacyr Scliar. **Arquivo Maaravi: Revista Digital De Estudos Judaicos**, v. 6, n. 11, p. 01-07, 2012.
- ZILBERMAN, Regina. No começo. In: SCLIAR, M. **Os melhores contos de Moacyr Scliar**. São Paulo: Global, 2003a. p. 03-05.
- ZILBERMAN, Regina. Um dia. In: SCLIAR, M. **Os melhores contos de Moacyr Scliar**. São Paulo: Global, 2003b. p. 06-07.